

CRÍTICA TEATRO/DRAMA

Peça retoma e mergulha em montagem de Boal

Com grande engenhosidade na dramaturgia, 'Os que Ficam' tenta encenar texto dos anos 1960 do dramaturgo

Larisse Pinheiro/Folhapress

NELSON DE SÁ
DE SÃO PAULO

Ansiava-se há tempos pelo encontro da Cia. do Latão de Sérgio de Carvalho com o Teatro de Arena de Augusto Boal (1931-2009). São os grupos do teatro político mais representativos em seus períodos — a atualidade e os anos 1950/60, respectivamente.

A ponte histórica acabou sendo lançada, um pouco fortuitamente, por uma mostra sobre Boal no Rio e agora pela mostra dos 18 anos da Cia. do Latão em São Paulo.

A "peça-ensaio" resultante, "Os que Ficam", retrata uma tentativa de encenação em 1973, auge da repressão e da desesperança política, da peça "Revolução na América do Sul", texto de Boal montado originalmente em 1960, em plena febre revolucionária na região.

O espetáculo tem alguns trechos daquela peça, mas sobretudo pensa sobre ela, conversa com ela e seu tempo. São personagens da época, a começar pela figura do diretor, Fernando, que remete ao ator, encenador e crítico Fernando Peixoto (1937-2012).

O próprio Boal comparece, em primeira pessoa, na forma

de cartas enviadas do exílio, algumas de emocionante deslencanto. Na curtíssima temporada no Sesc Bom Retiro, os textos são lidos por Lauro César Muniz, dramaturgo que foi lançado então pelo diretor.

BUSCA OBSESSIVA

O efeito imediato que o autor e diretor do Arena tem sobre o trabalho de Carvalho e do Latão — embora o espetáculo tenha nascido fora do grupo, com o elenco carioca — é o de transportá-los de volta aos primeiros espetáculos, como "Ensaio para Danton" (1996) e "Ensaio sobre o Latão" (1997).

Mais que "peças-ensaios", o que mais as caracteriza e assemelha é serem as três apaixonadas pelos originais que buscam obsessivamente compreender: "Revolução", "A Morte de Danton" e, na peça que deu nome à companhia, "Hamlet" e "A Compra do Latão", texto teórico de Brecht.

Em "Os que Ficam", conta-se uma história de censura e perseguição do teatro, num período que mudou o país e ao qual o título se refere, em parte: são aqueles que ficaram para trás, que não partiram como Boal, que se-

guem vivendo, e adaptam-se até à televisão.

Mas são também "os que ficam" no Brasil de hoje, sobreviventes e herdeiros, como os três atores do Latão que no início lembram, em depoimentos na primeira pessoa, as suas experiências de crianças da ditadura, ao lado de pais que a combateram ou não.

Podia ser mais uma peça sobre o assunto, entre tantas que há, porém seu mergulho é também formal, não só temático. Como na experimentação incessante de Boal, há grande engenhosidade na dramaturgia, da seleção dos trechos de "Revolução" aos depoimentos e cartas.

E há emoção de sobra, até compaixão, como havia em Boal, por todos os caminhos tomados pelo teatro, representados em "Os que Ficam" pela diáspora dos atores que não conseguem realizar a "Revolução". Mas que tentam seguir em frente, de algum jeito.

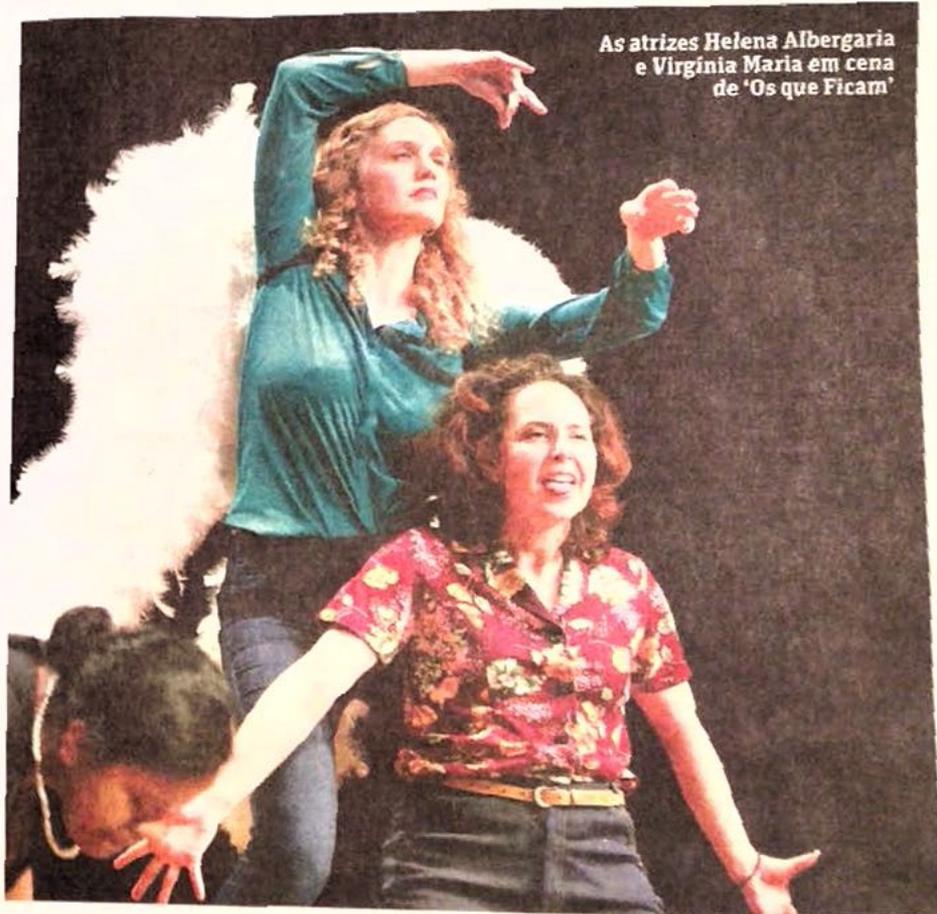
OS QUE FICAM

QUANDO qui. e sex., 20h; sáb., 19h; dom., 18h; até 26/7

ONDE Sesc Bom Retiro - al. Nothmann, 185 - tel. (11) 3332-3600

QUANTO R\$ 9 a R\$ 30

AVALIÇÃO ótimo ★★



As atrizes Helena Albergaria e Virginia Maria em cena de 'Os que Ficam'

segundocaderno@oglobo.com.br

HERMANO VIANNA

A 'slow science'

Depois que leu a coluna de sexta-feira passada, o filósofo e grande amigo virtual Paulo Henrique Fernandes Silveira me mandou essa citação de Aristóteles: o estilo contínuo de oratória seria "desagradável, justamente, por não ter fim, pois todos desejam ter à vista o final". Lembrei Jean Baudrillard entediado com o constante adiamento do final dos tempos, anunciando em 1985 que "o ano 2000 não passará". Passou. E o fim do mundo continua sendo prometido para breve. Chegará *slow* ou *fast*? Podemos escolher? E a escolha da velocidade aumenta chances de paraíso?

Hoje vou explorar o caminho *slow*, que a cada dia ganha mais adeptos. Já escrevi por aqui sobre *slow food*, a boa tendência dominante no menu dos novos chefs celebrados da culinária internacional. A filósofa Isabelle Stengers, talvez mais conhecida por ter escrito o livro "A nova aliança" com o prêmio Nobel de química Dya Frigot, publicou recentemente um "manifesto pela desaceleração das ciências" chamado "Uma outra ciência é possível?", assim com exclamação e tudo. Nas páginas internas essa outra possibilidade é denominada, claro, *slow science*, em inglês mesmo (gosto também de outro slogan de ordem: "pela desaceleração das universidades"). O capítulo "Advocacia de uma ciência 'slow'" (minhas traduções são todas muito livres...) resume bem o argumento do livro. Descreve a ascensão da ciência rápida, junto à industrialização do século XIX. Antes, a formação científica era obra de toda uma vida, depois passa a ser controlada por doutorados de poucos anos, com corrida para a publicação, revistas de prestígio e competição por número de citações em trabalhos de colegas. Além disso, há a transformação das inovações acadêmicas em segredos industriais. Universidades, empresas e governos se juntam e misturam vorazmente.

Isabelle Stengers cita o exemplo da pesquisadora Barbara Van Dyck, que em 2011 foi despedida da Universidade de Lovaina depois de apoiar a destruição de parte de uma plantação de batatas transgênicas — experiência desenvolvida pela Universidade de Gante em parceria com a Bélgica — por militantes ecológicos (que ficaram conhecidos como batatistas). Num primeiro momento, eles foram condenados a meses de prisão por "formação de quadrilha", mas em dezembro de 2014 essa sentença foi finalmente revogada.

A *slow science* reivindica menos pressa e maior participação popular na tomada de decisões sobre quais experiências científicas devem ser levadas adiante, através de maior conscientização geral sobre riscos e vantagens de cada uma delas. Muitos cientistas reagiram apaixonados contra as interferências de "leigos" em seus trabalhos, e usam da desculpa de que não têm tempo a perder, que precisam encontrar respostas para problemas urgentes, como a fome anunciada da população mundial. Isabelle Stengers luta pelo reaprendizado de uma "arte da consulta": "desaprendemos a arte de produzir um acordo sem a arbitragem ou a razão no mais forte da maioria".

Formam a base da dramaturgia fragmentos da autobiografia de Boal e trechos de "Revolução, 2 de 'Março em ponta de faca' e de cartas do exílio. O trabalho leva à cena um grupo de atores que discute a viabilidade e a pertinência de renunciar a obra no auge da ditadura militar, enquanto o autor está exilado.

A peça retrata um grupo de teatro que está exilado no "Revolução." no início dos anos 1970 — diz o diretor —. A ideia era mostrar em cena as dificuldades



Novo coletivo. A montagem, em cartaz até o dia 15, conta com três atores da Cia. do Látex que se juntaram a artistas selecionados em audições feitas no Rio

Clássico revisitado

EXÍLIO E CENSURA

Escrita e dirigida por Sérgio de Carvalho, a peça 'Os que ficam' estreia hoje à noite no CCBB e se inspira em relatos autobiográficos e trechos de peças de Augusto Boal

Luiz Felipe Roxo
luiz.felipe@oglobo.com.br

Ao escrever "Revolução na América do Sul", em 1968, Augusto Boal (1931-2009) e o Brasil viviam bons tempos. O dramaturgo colhia os primeiros sucessos à frente do Teatro de Arena, como "Chapetuba Futebol Clube" (1959), e o país da bossa nova ainda celebrava a conquista da Copa do Mundo de 1958. Com direção de José Renato, a peça catapultou a carreira de Boal. Os críticos o tratavam como obra-prima, e o próprio autor reconheceu, na autobiografia "Hamlet e o filho do pai morto", que "Revolução" implementou uma revolução formal no teatro do Brasil.

Dois anos mais tarde, porém, as experiências foram soterradas. O Arena chegou ao fim, Boal era preso, exilado, e o Brasil sofria sob o peso do ano de chumbo. E nesse contexto, posterior ao sucesso da peça, que o diretor Sérgio de Carvalho decidiu ambientar a sua mais nova criação, "Os que ficam", que estreia hoje para o público no CCBB, dentro da Ocupação Augusto Boal.

Formam a base da dramaturgia fragmentos da autobiografia de Boal e trechos de "Revolução, 2 de 'Março em ponta de faca' e de cartas do exílio. O trabalho leva à cena um grupo de atores que discute a viabilidade e a pertinência de renunciar a obra no auge da ditadura militar, enquanto o autor está exilado.

A peça retrata um grupo de teatro que está exilado no "Revolução." no início dos anos 1970 — diz o diretor —. A ideia era mostrar em cena as dificuldades



Na Europa. "Revolução na América do Sul", que inspira o novo texto, também foi montada na Alemanha nos anos 1970

desse grupo enfrenta. — Os atuais atores, que ficaram no país — daí o título "Os que ficam" —, não sabem como a peça deve terminar. É aí que a dificuldade de contatar o autor para concluir a peça se soma aos empecilhos impostos pelos militares, que minam a realização da montagem.

— Eles estão vivendo um contexto de repressão. É um momento em que os artistas sofrem um cerco, são perseguidos, e que o país fecha as portas para o teatro político — diz Carvalho. — Assistidos às dificuldades de realização da arte política por conta da censura, violência da ditadura, necessidade de sobrevivência econômica, após de trabalho na televisão, além do exílio do autor.

De alguma forma, autor e grupo, por mais que apartados geograficamente, compartilham do mesmo inferno e se veem exilados do próprio teatro, da possibilidade de realização. Esse contexto é diagnosticado pelo crítico Yun Mi-

chalski (1932-1990) em seu livro "Teatro sob pressão", que se referiu à pesquisa da montagem: "A ação da censura chega em 1971 a um nível tão delirante que qualquer tentativa de oposição diante da realidade nacional, por mais metafórica que seja, torna-se virtualmente impossível". Com todas as suas alternativas temáticas e formais praticamente riscadas do mapa, os grupos são reduzidos a um estado de impotência que os sufoca", escreveu.

CENSURA E POPULISMO

Para retratar a desintegração do grupo, Carvalho conta com três atores do Látex (Érika Rocha, Helena Albuquerque e Rogério Bandeira), além de artistas selecionados no Rio, como Kiko do Valle, Lourivalton Vladimir, Nives Magno e Virginia Maria. O ator Nelson Xavier, que participou da montagem original, fará participações especiais em uma sessão — com data a ser defini-

da. Um dos primeiros experimentos de Boal inspirados pelo teatro épico de Brecht, "Revolução" narra a história de um operário, José da Silva, que passa fome ao longo de toda a peça enquanto candidatos ao governo o cortejam. Segundo Boal, que encenou o espetáculo também na Argentina, durante o exílio, escreveu que seu texto "causou indignação: personagens políticos corruptos, todos!". — A peça discute o populismo e investiga o célebre, essa figura falhada que não aparece tanto no teatro brasileiro — diz Carvalho. — Boal buscava relacionar vida pessoal ao contexto público, uma subjetividade sempre vinculada à vida política, às questões sociais e econômicas. ■

"OS QUE FICAM"
Onde: CCBB — Rua Passarela de Maré 66, Centro (5069-2120)
Quando: Da 6h a 8h, 19h30m às 19h20m e 19h30m às 19h20m
Classificação: 14 anos

MAR DE FEIRAS CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

Nesse "mar de feiras", compra Afonso Borges, o mais difícil é obter um evento consistente, que tenha conteúdo social e cultural, que provoque, de fato, o incen-

do poder de uma boa palestra — diz Afonso, lembrando que em 1987, num dos eventos literários que deram origem à Flaxa, houve o lançamento de "O Brasil e a cultura" de Nelson Xavier. A ideia era mostrar em cena as dificuldades

— A leitura no Brasil sempre foi uma obrigação chata, um dever, não um prazer. Nesses eventos vejo críticas brincando com os livros, desacralizando o objeto, transformando numa coisa banal, comum. Acho isso

preocupar com uma curadoria adequada. Só que esses eventos costumam ter vida curta, pois não há mais espaço para armarismo, e o mercado ainda é pequeno, logo os picaretas ficam

LIONEL FISCHER

TERÇA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 2012

Teatro/CRÍTICA

"Sinfonia sonho"

Montagem imperdível no Sérgio Porto

Lionel Fischer

"*Sinfonia sonho* apresenta a história de Kevin, uma criança de nove anos que de súbito se torna alvo de um desejo: o de se tornar música, por conta de uma peça teatral que começa a ensaiar em sua escola. Inspirado nos recentes acontecimentos envolvendo o massacre de crianças em espaço escolar na cidade do Rio de Janeiro, o espetáculo visa trazer a tona um olhar mais atento e responsável sobre a infância e, por extensão, também sobre o futuro".

Extraído do release que me foi enviado, o trecho acima sintetiza algumas das premissas que motivaram a criação de "Sinfonia sonho", quarto espetáculo da companhia carioca Teatro Inominável, em cartaz no Espaço Cultural Sérgio Porto. Diogo Liberano assina texto e direção, estando o elenco formado por Adassa Martins, Andréas Gatto, Dan Marins, Flávia Naves, Gunnar Borges, Laura Nielsen, Márcio Machado, Natássia Vello e Virgínia Maria.

Inspirado nas obras "O anti-Édipo", de Félix Guattari e Gilles Deleuze, e no romance "Precisamos falar sobre o Kevin", da escritora

QUEM SOU EU



LIONEL FISCHER

Crítico e Professor de Teatro.

VISUALIZAR MEU PERFIL COMPLETO

LINKS

Caldereta das Idéias

Meu site pelas meninas da PUC

O Tablado

SEGUIDORES

Participar deste site

Google Friend Connect

Membros (570) [Mais »](#)



Já é um membro? [Fazer login](#)

ARQUIVO DO BLOG

- ▶ 2015 (84)
- ▶ 2014 (170)
- ▶ 2013 (245)
- ▼ 2012 (244)
 - ▶ Dezembro (8)
 - ▶ Novembro (9)
 - ▶ Outubro (24)
 - ▶ Setembro (13)



Cultura (/pt-br/cultura)

As canções das nossas vidas



Raiana Collier em 4/08/2015

Musical estreia dia 7 no Teatro Municipal de Niterói, com canções de Noel Rosa, Lupicínio Rodrigues, Cartola, entre outros



Em cena, Virginia Maria e Caio Ruas encenam texto construído a partir de histórias dos próprios artistas envolvidos

Foto: Divulgação/Karin Luiz

Noel Rosa, Lupicínio Rodrigues e Cartola, três artistas que não caminham no mundo dos vivos faz tempo, mas que deixaram um legado musical tão importante por aqui que continuam sendo lembrados. E mais do que isso, deixaram uma marca tão profunda em tanta gente, que fazem parte de histórias de vida. Atração que estreia na sexta-feira (07), às 20h, e também se apresenta no sábado (08), nesse mesmo horário, “Quando Toca o Coração” leva para o palco do Teatro Municipal de Niterói um sarau teatralizado baseado na obra de grandes compositores da música brasileira.

O projeto é a realização de um sonho antigo que bota para trabalhar junto um grupo de amigos. Em 2013, Alessandro Moura, Guilherme Miranda e Virginia Maria idealizaram o espetáculo que, com uma equipe formada quase completamente por profissionais de Niterói, conta histórias que fazem parte da cidade. Em cena, algumas histórias das famílias da equipe artística são contadas junto a

[reportagens](#)

24/09/2014 14h14 - Atualizado em 24/09/2014 18h11

Clássicos da música brasileira entram em cena em 'Quando Toca o Coração'

Peça traz temas de Noel Rosa, Lupicínio Rodrigues e Chiquinha Gonzaga

[imprimir](#)



Virginia Maria e Caio Ruas em cena do

espetáculo: 'stand-uo afetivo' (Foto: Divulgação)

Carmem Miranda já dizia que cantava para semear cantigas, dando alegria a quem chora. O trecho do clássico “Cantoras do Rádio” resume bem o afeito que uma canção pode causar na gente: não importa o sentimento despertado, é impossível passar incólume por uma letra elaborada e um ritmo contagiante. A música funciona como memória afetiva e tem o poder de nos levar aos mais diferentes lugares e momentos, sendo interpretada de diversas maneiras possíveis por cada um.

Todo este significado por trás de uma composição é o mote do espetáculo **“Quando Toca o Coração”**, que estreia sexta no Teatro Gonzaguinha. Histórias reais de amor, amizade e família viram ficção ao som de clássicos da música brasileira de grandes nomes como Noel Rosa, Lupicínio Rodrigues e Chiquinha Gonzaga.

– Não estamos preocupados em teatralizar a música, mas perceber como a música influenciou em cada uma daquelas situações. É um retorno meu à contação de histórias, atividade que faço há algum tempo. Quero falar com as pessoas sobre o que está me tocando naquele momento – explica a atriz Virginia Maria, idealizadora do projeto ao lado de Alessandro Moura e Guilherme Miranda.

•
Numa praça na beira do mar,
Um pedaço de qualquer lugar,
E neste dia branco, se branco ele for”
Trecho de 'Dia Branco', de Geraldo Azevedo

É ela quem sobe aos palcos ao lado de Caio Ruas, dando vida a um projeto que surgiu depois de uma profunda pesquisa de canções marcantes e histórias familiares de toda a equipe. Um dos momentos mais emocionantes do espetáculo – apelidado pelos artistas de “stand-up afetivo” – é a performance em que apresentam “Dia Branco”, de Geraldo Azevedo. A música, uma espécie de hino entre o iluminador Paulo Denizot e seu pai, foi a primeira coisa dita pelo segundo após acordar de um coma devido a um derrame.

As músicas são tocadas ao vivo, em arranjos originais compostos especialmente para o espetáculo por Guilherme Miranda – que também assina a direção – que segue para o Teatro Café Pequeno em novembro:

– Dirigir um espetáculo nestes moldes pode ser complicado justamente pela simplicidade. Existe uma comunicação permanente com a plateia, que precisa ser informal e compreensível. Para que isso fique legal e não pareça algo aleatório, é preciso um equilíbrio muito delicado.

As músicas pelos artistas